

Por que torcemos?

RONALDO HELAL

Ao fim de mais um ano em que observamos reações apaixonadas de torcedores em diversas partidas de nossos campeonatos, nos questionamos: afinal, por que torcemos por um time de futebol? Por que ficamos alegres quando nosso time ganha e tristes quando ele perde? Por que gritamos e até choramos diante da televisão ou em um estádio? Estas são perguntas que os torcedores nunca fazem, mas que são levantadas por aqueles que não gostam de futebol. Como não há nenhum ganho material no ato de torcer, os que não são aficionados questionam essa atitude e ficam perplexos diante de tantas emoções “exageradas”.

De fato, o torcedor é sempre um fanático, no sentido amplo do termo. No sentido estrito, o fanatismo fala de intolerância com a comemoração do adversário e do sujeito que regula sua vida pelos resultados de seu time. Mas torcer se contorcendo e, muitas vezes, distorcendo a realidade, se sentindo prejudicado pela arbitragem, mídia, CBF etc faz parte deste universo de emoções exacerbadas. Estranhas emoções para aqueles que não as sentem. Naturais emoções para os de dentro, os nativos, os torcedores de futebol.

Talvez pudesse servir como um exercício interessante de antropologia a tentativa de transformar estas emoções “naturais” em algo “estranho”. Ou, melhor dizendo, em “antropólogos”, transformar o familiar no exótico. Este

exercício, ainda que difícil, poderia ser um primeiro passo para responder às questões colocadas acima.

O intelectual alemão e professor da Universidade de Stanford Hans Ulrich Gumbrecht tentou explicar o fascínio que o esporte exerce nas pessoas em seu livro “Elogio da beleza atlética”, ao mesmo tempo em que afirma que “em geral os prazeres não precisam de tal legitimação” ou explicação. Uma das “explicações” colocadas por ele surgiu a partir de uma declaração de um atleta de natação, vencedor de três medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1984 e 1992, Pablo Morales. O atleta teria falado sobre o sentido de “se perder na intensidade da concentração” como a motivação que o levou a praticar esporte de alto rendimento.

No sentido estrito, o fanatismo fala de intolerância com a comemoração do adversário e do sujeito que regula sua vida pelos resultados de seu time

Este perder-se na “intensidade da concentração” ou na “intensidade focada”, conforme expressão utilizada por Gumbrecht em outra ocasião, poderia ser uma das explicações para se entender o fascínio que o esporte pode exercer nos atletas e nos torcedores. Sim, os torcedores também sentem este “perder-se” durante uma

partida dramática. Mas, ainda assim, isto careceria de uma pergunta anterior: por que se perder nesta intensidade?

A beleza dos corpos em movimento e o sentido e o valor estético de uma competição seriam outras das razões enumeradas por Gumbrecht para que possamos entender o fascínio exercido pelos esportes em muitas pessoas. Porém, ainda aqui, quando falamos de torcidas de futebol, será que o valor estético, o tal do futebol bem jogado, conforme os ditos populares e da imprensa, é mesmo um capital fundamental para esta paixão por um clube? O que sente um torcedor em uma partida em que seu time faz um gol, digamos “sem muito apelo estético”, no último minuto, gol este que garante a classificação ou título da equipe? Será que o entusiasmo e a euforia seriam maiores se fosse um gol de alto valor estético em uma partida em que a vitória valesse menos?

Estudar o esporte como um meio para entender a cultura, mais do que como um fim em si mesmo, tem nos ajudado a decifrar alguns dilemas e relações presentes na sociedade. Um passo adiante seria pesquisar mais a fundo as questões aqui levantadas para compreendermos este ato de torcer, se contorcer e distorcer a realidade praticado por uma multidão de torcedores ao redor do mundo. ●

Ronaldo Helal é professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro